

LARS KEPLER

LAZARUS

Tradução de Regina Valente

1

Um carro-patrolha em mau estado afasta-se do centro de Oslo pela via de cintura externa. As ervas daninhas por baixo dos rails abanam com o vento, e um saco de plástico esvoaça ao longo da berma.

Karen Strange e Mats Lystad responderam ao apelo da central, apesar de já terem terminado o turno. Em vez de regressarem a casa, dirigem-se agora para o bairro de Tveita.

Há dias que os moradores de um condomínio se queixam de um fedor insuportável no edifício. O porteiro do prédio já inspecionou os contentores do lixo, mas estava tudo em ordem. Descobriu-se depois que o cheiro provinha de um apartamento no décimo primeiro andar. No interior ouve-se um canto débil, mas o proprietário do apartamento, um tal Vidar Hovland, não responde e não abre a porta.

O carro-patrolha passa ao lado de uma série de armazéns industriais relativamente baixos.

Para lá da vedação de arame farpado veem-se contentores de lixo, camiões e depósitos de sal para o inverno.

Os prédios de Nåkkves Vei parecem uma enorme escada de cimento que se virou ao contrário, partindo-se em três.

Um homem de fato-macaco cinzento diante de um furgão com o letreiro MORTENS SERRALHARIA SPA dirige-lhes um aceno. Os faróis do carro-patrolha iluminam-no, projetando a sombra da sua mão erguida até aos andares mais altos da fachada atrás dele.

Karen encosta suavemente ao passeio, puxa o travão de mão, desliga o motor e sai do carro ao mesmo tempo que Mats.

O céu já está a apagar-se para a noite. O ar é frio. Em breve, poderia começar a nevar.

Os dois agentes apertam a mão ao serralheiro. Está barbeado, mas já se lhe vê uma sombra cinzenta de pelos nas faces; tem o peito largo e chato e move-se com pequenos saltos, nervosamente.

– A Polícia sueca acabou de receber uma chamada de um cemitério: parece que há trezentos corpos debaixo da terra – brinca em voz baixa, para depois sorrir com a cabeça inclinada.

O porteiro entroncado está a fumar dentro do furgão.

– Provavelmente, o sujeito esqueceu-se de um saquinho com restos de peixe à entrada – murmura, ao mesmo tempo que abre a porta.

– É isso que nós esperamos – responde Karen.

– Bati à porta e gritei-lhe através da fresta do correio que ia chamar a Polícia – conta o porteiro, atirando a beata ao chão.

– Fez bem em chamar-nos – diz Mats.

Em quarenta anos, naquela zona foram encontrados apenas dois mortos: um no parque de estacionamento, o outro no próprio apartamento.

Os polícias e o serralheiro vão atrás do porteiro até ao átrio, e são imediatamente cercados por um fedor sufocante.

Todos tentam não respirar pelo nariz quando entram no elevador.

Depois de as portas se terem fechado, sentem a pressão debaixo dos pés enquanto são transportados para cima.

– O décimo primeiro andar é um bocado esquisito – murmura o porteiro. – No ano passado houve um despejo violento e em 2013 um apartamento foi completamente destruído por um incêndio.

– Nos extintores suecos está escrito que devem ser testados três dias antes da utilização – brinca novamente o serralheiro, em voz baixa.

Quando saem do elevador são acometidos por um fedor de tal maneira intenso que no olhar de todos eles surge um sinal de desespero.

O serralheiro levanta a camisola para cobrir a boca e o nariz.

Karen tenta resistir, mas o estômago contrai-se-lhe. É como uma tremura intensa, depois o diafragma estremece e empurra-lhe até à garganta o conteúdo do estômago.

O porteiro indica o apartamento, ao mesmo tempo que tapa o nariz e a boca com a outra mão.

Karen avança, encosta o ouvido à porta e fica à escuta. Lá dentro está tudo em silêncio. Quanto toca a campainha, ressoa uma melodia delicada.

Depois chega uma ténue voz do interior. É um homem que está a cantar ou a recitar qualquer coisa.

Karen bate à porta e o homem cala-se; depois recomeça, quase com circunspeção.

– Vamos entrar – diz Mats.

O serralheiro aproxima-se da porta, pousa no chão o saco pesado e abre a fechadura.

– Ouvem-no? – pergunta.

– Sim – responde Karen.

Uma menina de cabelos loiros desgrenhados e olheiras profundas abre a porta de outro apartamento.

– Volta para dentro – diz Karen.

– Quero ver – diz a menina a sorrir.

– A tua mãe ou o teu pai estão em casa?

– Não sei – responde ela, e volta a fechar a porta de repente.

Em vez de usar a gazua, o serralheiro perfura a fechadura com um berbequim. Espirais cintilantes de metal caem ao chão. Pega nas várias partes incandescentes do cilindro e mete-as no saco, depois retira a fechadura e chega-se para o lado.

– Esperem aqui – diz Mats ao porteiro e ao serralheiro.

Karen empunha a pistola, enquanto Mats abre a porta para trás e grita virado para dentro:

– Polícia! Estamos a entrar!

Karen observa a pistola na sua mão pálida. Durante alguns segundos, não reconhece o metal negro, os vários componentes da arma, o cano, o obturador, o gatilho.

– Karen?

Cruza o olhar com o de Mats, depois vira-se para o interior do apartamento, levanta a pistola e entra com uma mão à frente da boca.

Não vê nenhum saco de lixo à entrada.

O fedor provém da casa de banho ou da cozinha.

Não ouve mais nenhum som para além das solas das botas sobre o chão de linóleo e da sua própria respiração.

Passa diante de um espelho estreito e chega à sala de estar, inspeciona rapidamente os cantos e fica a observar o caos. O televisor foi atirado para o chão, os vasos de fetos estão destruídos, o sofá-cama com uns cobertores pesados em cima está atravessado no meio da sala, uma das almofadas foi cortada, o candeeiro de pé está caído no chão.

Karen aponta a pistola para o corredor que dá acesso à casa de banho e à cozinha, deixa passar Mats e depois segue-o.

Estilhaços de vidro estalam por baixo dos seus pés.

Um candeeiro de parede está aceso: minúsculos grãos de pó pairam na luz projetada pela lâmpada.

Karen para e fica à escuta.

Mats abre a porta da casa de banho e ao fim de alguns segundos baixa a arma. Karen tenta olhar para dentro, mas a porta impede a entrada da luz: na penumbra apenas consegue distinguir a cortina encardida do chuveiro. Avança um passo, estica-se para dar um ligeiro empurrão à porta, de forma que uma réstia de luz deslize sobre o papel de parede impermeabilizado.

O lavatório está sujo de sangue.

Karen sente um arrepio; um instante depois, ouve um murmúrio atrás dela. É um velho a falar com uma voz sumida. O susto é tal que, ao mesmo tempo que se volta com a pistola apontada ao corredor, deixa escapar um gemido.

Não está ali ninguém.

Cheia de adrenalina, regressa à sala de estar, ouve uma gargalhada e aponta a arma na direção do sofá.

É possível que esteja escondido ali atrás.

Karen apercebe-se de que Mats lhe tenta dizer alguma coisa, mas não consegue captar as suas palavras.

O sangue ressoa-lhe na cabeça.

Avança lentamente, com o dedo no gatilho; percebe que está a tremer, por isso segura a pistola com a outra mão.

Um instante depois, quando o homem começa a cantar, Karen percebe que a voz provém da aparelhagem estereofónica.

Contorna o sofá, depois baixa a arma e contempla os cabos cobertos de pó e um pacote de batatas fritas esmagado.

– OK – suspira para si mesma.

No tampo do armário da aparelhagem está pousada a caixa de um CD do Instituto da Língua e do Folclore. O breve trecho foi posto em *loop* e é repetido ininterruptamente. Um homem idoso está a contar qualquer coisa num dialeto incompreensível, depois ri-se, começa a cantar – *é dia de casamento na quinta, com pratos vazios e copos partidos* – e por fim cala-se.

Mats está à porta, faz-lhe sinal para o seguir, quer que avancem em direção à cozinha.

Lá fora está quase completamente escuro, as cortinas oscilam ao de leve no ar quente que sai dos aquecedores.

Karen vai atrás do colega ao longo do corredor, vacila por um instante e sente necessidade de se segurar à parede com a mão que empunha a arma.

O ar tresanda a latrina e a cadáver; está de tal maneira impregnado daquele fedor que os olhos se lhe enchem de lágrimas.

Ouve a respiração breve e profunda de Mats, concentrando-se para impedir que a náusea prevaleça.

Karen vai atrás dele até à cozinha e detém-se.

No pavimento de linóleo jaz uma pessoa nua, com a cabeça demasiado grande e a barriga inchada.

Uma mulher grávida, com um pénis azulado e tumefacto.

O pavimento ondeia sob os pés de Karen, o seu campo visual restringe-se.

Mats deixa escapar um grito estridente e apoia-se na arca frigorífica.

Karen repete para si mesma que é apenas efeito do choque. Agora percebe que se trata do cadáver de um homem, mas o ventre inchado e as coxas abertas tinham-na levado a pensar numa mulher grávida.

Quando volta a meter a pistola no coldre, apercebe-se de que as mãos lhe tremem.

O corpo está em avançado estado de decomposição, várias partes parecem moles e quase liquefeitas.

Mats atravessa o aposento e vomita no lava-loiças, salpicando a máquina de café.

A cabeça do homem parece uma abóbora podre encaixada nos ombros, a mandíbula está partida, e os gases interiores empurraram a garganta e a maçã de Adão para fora da boca monstruosa.

Houve uma luta, pensa Karen. Ficou ferido, com a mandíbula partida, bateu com a cabeça no chão e morreu.

Mats vomita de novo e cospe uma bola de saliva.

Na sala, o canto recomeça.

O olhar de Karen desce de novo sobre o ventre do cadáver, as coxas abertas, o sexo.

Mats tem o rosto transpirado, pálido. Karen pensa que devia levá-lo lá para fora quando alguma coisa lhe agarra uma perna. Com um grito de medo estica a mão para a pistola, mas depois apercebe-se de que é a menina do outro apartamento que foi atrás deles.

– Ó miúda, tu não podes estar aqui – diz-lhe, ofegante.

– É divertido – responde a menina, ao mesmo tempo que olha para ela com uns olhos sombrios.

Karen sente as pernas a tremer enquanto a leva para fora do apartamento, até ao patamar.

– Aqui não pode entrar ninguém – diz ao porteiro.

– Só fui abrir uma janela.

Karen não tem vontade nenhuma de voltar a entrar, já sabe que vai sonhar com aquela cena, que vai acordar a meio da noite com a imagem do homem de pernas abertas diante dos olhos.

Quando regressa à cozinha, Mats fecha a torneira e olha para ela com os olhos brilhantes.

– Já acabámos? – pergunta ela.

– Sim, só quero inspecionar a arca congeladora – diz ele, indicando as marcas ensanguentadas em volta da pega.

Seca a boca, depois levanta a tampa e inclina-se para observar.

Karen vê a cabeça do colega recuar subitamente e a boca escancarada sem um som.

Mats afasta-se a cambalear, e a tampa volta a fechar-se com uma pancada, fazendo tremer as chávenas em cima da mesa.

– O que é? – pergunta ela, aproximando-se.

Mats apoia-se à beira da bancada, fazendo cair um vaporizador de plástico, e olha para ela fixamente. As pupilas contraídas

parecem duas minúsculas gotas de tinta, tem o rosto extremamente pálido.

– Não olhes – murmura.

– Eu preciso de saber o que é que está nessa arca frigorífica – diz Karen, sentindo o medo na sua própria voz.

– Santo Deus, não olhes...